

Sobre os enigmas de Soror  
Juana Inés de la Cruz  
encontrados em Lisboa,  
ou de como o México, pouco  
a pouco, mas inexoravelmente,  
aproxima-se de Portugal,  
e vice-versa.\*

Horácio Costa \*\*

\* A primeira e menos completa versão deste ensaio foi publicada em *La Gaceta del Fondo de Cultura Económica* n° 294 (México, D.F., junho de 1995), posteriormente reunida em *Mar abierto - ensayos de literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana* (México, FCE, 1998; p. 405-12).

\*\* UNAM/México

Há pouco mais de trezentos anos, em 1695, veio à luz, em forma de manuscrito, em Lisboa, o opúsculo *Enigmas ofrecidos a la Casa del Placer*, cujo título do original é consideravelmente mais extenso: “Enigmas ofrecidos a la discreta inteligencia de la soberana assemblêa de la la Caza del Plazer por su más rendida, y fiel aficionada Soror Juana Ignês de la Cruz”, como rezam as cópias facsimilares do manuscrito original, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa e que foram aditadas à moderna edição mexicana, que contém sua transcrição.<sup>1</sup> Escrito por Soror Juana Inês de la Cruz como encomenda e provavelmente a instâncias de sua protetora e amiga, a Condessa de Paredes, ex-vice-rainha da Nova Espanha, esta obra tinha como destinatária uma “assembléia” (não se me ocorre melhor termo que o usado pela própria escritora) de freiras portuguesas amantes da poesia, e com a participação destas, como não podia deixar de ser. A “Casa do Prazer” a que se refere o título deste livro era uma agremiação de religiosas-literatas, que se relacionavam – note-se bem, *relacionavam-se*, mas não se reuniam, uma vez que estavam limitadas pelas regras de clausura – para intercambiar seus escritos. A particularidade de sua agremiação é que essas monjas não se sentiam obrigadas a escrever poesia de inspiração ou temática religiosa. Ao contrário, desde o seu nome, sua singular academia declarava a intenção de produzir poesia mundana, isto é, poesia do prazer, pelo que, infere-se, essas reclusas reclamavam uma dose pouco usual de liberdade em sua escritura, considerando sua profissão de fé religiosa.

<sup>1</sup> México, El Colegio de México A.C., 1994; Edição e estudo de Antonio Alatorre.

Essa era exatamente a forma de discurso poético que mais atraía a Sórora Juana, a poesia que cada vez mais a monja mexicana produz paralelamente a seus vilancicos e autos de inspiração religiosa, na medida em que avança a sua fama dentro e fora da Nova Espanha. A *Inundación castálida*, impressa em 1689 na Espanha, devido à Condessa de Paredes, circulara em Portugal com grande sucesso. Antonio Alatorre, no seu estudo introdutório à edição dos *Enigmas*, lança a possibilidade de que tenha sido a Duquesa de Aveiro quem introduziu Soror Juana em Portugal. A duquesa era uma dama da alta aristocracia lusitana, da família dos Lencastre, e de não pequenos vãos poéticos – presume-se, uma vez que nada ficou de sua produção literária, afora a fama que esta adquiriu junto a seus leitores contemporâneos – que residia em Madri e a quem a poetisa novo-hispana dedicara uma composição de *Inundación castálida*. Terá sido pelo respeitabilíssimo conduto da duquesa que as participantes da “Casa do Prazer” fizeram chegar à Condessa de Paredes a encomenda de pedir a Soror Juana que escrevesse algo para o deleite de suas admiradoras portuguesas.

Se em Soror Juana as portuguesas tinham encontrado uma alma afim, uma poetisa que, como elas, escrevia por apreço à literatura – “pero mejor”, como diz Alatorre no seu prólogo – a mexicana, por sua vez, ao inteirar-se da encomenda a si dirigida, mas, principalmente, ao inteirar-se da existência mesma da “Casa do Prazer”, dava-se conta de que em outras partes do mundo católico a perseguição da qual era vítima no México e que tinha a sua origem na censura à produção poética mundana – isto é, de inspiração não-religiosa – pelo alto clero local, não se verificava da mesma forma. Em poucas palavras, toda a história em torno à escritura e à publicação dos *Enigmas* nos revela que havia uma relação de ordem ideológica entre as portuguesas de mediano talante literário, porém organizadas no seu clube, e a mexicana que se sabia possuidora de um alto estro, mas solitária e perseguida em sua terra.

Não é que não existissem em Lisboa personalidades censoras, misóginas e terríficas, fincadas na mais alta hierarquia religiosa, como o Padre Núñez de Miranda, que foi o confessor de Soror Juana, ou o Arcebispo do México, Aguiar y Seijas, ou o Bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, as três fúrias que sistematicamente perseguiram a chamada “Décima Musa”, nascida Juana de Asbaje (1651-95). Por exemplo, Frei Antônio das Chagas, pregador célebre do século XVII e importante homem das letras portuguesas, exercitava verdadeiro terror misturado com fascínio sobre as mulheres que jamais faltavam a um sermão seu (uma possível explicação para este fenômeno, tão familiar nestes nossos tempos: segundo o retrato do frade que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, Antônio das Chagas, ex-militar, era um homem notavelmente bonito, *et pour cause...*). Na terra que inventara a expressão *auto-de-fé*, a versão do catolicismo

tridentino não poderia ser muito diferente da que imperava no México ao final do século XVII.

Mas Portugal também é, como é comum dizer-se, um país “de brandos costumes”. Entre estes, destacava-se uma forma muito lusitana e muito suave de cultura, a chamada “freirática”, típica da era barroca em Portugal. O coquetismo, e portanto a relativa liberdade das monjas portuguesas, era famosa em toda Europa. No Portugal do século XVII, e mais ainda no século seguinte, o hábito de visitar os conventos femininos converte-se em esporte: o de conquistar religiosas.

Recordemos alguns aspectos dessa cultura estranha para nós, que misturava a carolice com a licenciosidade, a devoção com o pecado, e que de maneira paradigmática define muito da posição da mulher nas sociedades ibéricas de então, e que ainda assim permite-nos vislumbrar muitas das razões da “decadência dos povos peninsulares”, parafraseando a Antero de Quental.

Em primeiro lugar, consideremos a relação entre a “cultura freirática” e o poder. Começemos com um exemplo. Dom João V – o soberano mais rico que jamais reinou sobre Portugal e seus domínios, uma vez que seu reinado coincidiu com as décadas de maior pujança na exploração do ouro e dos diamantes do Brasil –, tinha uma verdadeira paixão pelo “sexo monacal”, se se pode dizer assim, e com uma freira de proverbial beleza, a Madre Paula, chegou a formar família. Para ela, a quem tirava de seu convento ao seu bel-prazer, o rei edificou uma mansão – por certo, na qual hoje está instalado o Museu da Cidade de Lisboa. Para os seus vários bastardos, construiu um palácio, o da Palhavã, no qual hoje mora o representante da Espanha em Portugal. A Madre Paula constituiu uma verdadeira corte paralela, tão ou mais concorrida que a da Rainha D. Mariana de Áustria, à qual não faltavam aristocratas, poetas e músicos, interessados provavelmente não apenas em desfrutar das belas-artes, mas também em aproximar-se às demais religiosas que formavam o original *entourage* da favorita real.

O exemplo que acabo de mencionar é apenas um, e o mais célebre, que a “cultura freirática” nos oferece no contexto da sociedade lusitana barroca. Devido a histórias que, com sobrada razão, intelectuais do século XIX em Portugal, como Alexandre Herculano e Oliveira Martins, increparam a decadência do credo católico, sua trivialização ou ainda a sua prostituição, como um fenômeno – ou, melhor dizendo, um “epifenômeno” – da debilitação política e cultural dos países ibéricos.

Em segundo lugar, perguntemo-nos sobre a situação existencial dessas religiosas, tal e como a viviam e a descreviam elas mesmas. A uma delas, Mariana Alcoforado, devemos a mais importante e mais bela obra escrita em forma epistolar nas literaturas de língua portuguesa, publicada anonimamente, como é sabido, na França, com o pouco específico título *Lettres portugaises traduites en français* (1ª ed.1669). Alcoforado, enclausurada num convento em Beja, no Alentejo, escre-

ve a seu amante, o Conde de Chamilly, quem tinha levado adiante a sedução da monja como um passatempo de suas obrigações militares (estava sob mando português numa das inumeráveis guerras hispano-portuguesas), depois do regresso deste ao seu país de origem, a França. As pungentes cartas, tanto pelo seu teor de lirismo como pelo humaníssimo sentimento de desamparo que refletem, conheceram mais de cinquenta edições e contam-se entre os clássicos do século XVII europeu. Voltaire mesmo, cem anos depois de sua publicação, valeu-se delas em sua campanha contra o catolicismo ibérico, ao que com razão considerava bárbaro. Ainda, no ocaso do regime salazarista, a força dos protestos de Mariana Alcoforado, abandonada em seu claustro por seu sedutor e incapaz, devido às regras do mesmo, de prostrar-se aos pés do seu amante ou mesmo de vingar-se dele, inspiraram três escritoras portuguesas contemporâneas: Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta – as “três Marias”, como passaram a ser conhecidas – as *Novas cartas portuguesas* (1ª ed. 1974), livro no qual as tradições patriarcalistas ibéricas colocam-se em julgamento. As *Novas cartas portuguesas* valeram às três escritoras o último ato de censura à liberdade de expressão do regime salazarista, ato que foi convertido em processo político de acusação ao *statu quo* pela intelectualidade portuguesa, que apoiou em massa a insurreição das três escritoras, que viam em Mariana Alcoforado uma antecessora das lutas feministas. Como vemos, os desdobramentos da “cultura freirática” chegam quase até nossos dias.

Não nos esqueçamos que Descartes e Malebranche, Locke e Hume, e Vico e Newton, eram contemporâneos da Duquesa de Aveiro e da Condessa de Paredes, de Soror Juana e das freiras da “Casa do Prazer”, da Madre Paula e da pobre Mariana.

Alcoforado. Como disse Octavio Paz em seu *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*,<sup>2</sup> a sociedade que a monja mexicana conhecia e que a rejeitava – que podia ser um pouco mais intolerante do que aquela com a qual conviviam as monjas da “Casa do Prazer”, mas que se inscrevia numa mesma ordem civilizacional –, estava fechada ao futuro, tinha os seus dias contados. Neste sentido, os *Enigmas ofrecidos a la Casa del Placer*, engenhosos e labirínticos, além de – claro – verdadeiramente enigmáticos, bem representam um possível ideograma de um mundo fechado sobre si mesmo, um sinal inequívoco de uma cultura que, ainda que parecesse estar forte e aparelhada, estável, entretanto desmoronava-se inexoravelmente, sob o duplo influxo da intolerância político-religiosa e da mundanidade da qual o engenho do barroco ibérico é uma das mais cultas, e mais sublimes, manifestações. Mas agora consideremos um outro aspecto.

<sup>2</sup> México, FCE, 1983 (1ª ed.).

Como diz Antonio Alatorre em seu prólogo à referida edição dos *Enigmas*, o fato de que a notícia do descobrimento de vinte poemas originais, e inéditos, de Soror Juana em Portugal não tenha irrompido como uma novidade maior entre os sorjuanistas depois de sua publicação em 1968, deve-se a que entre os leitores da *Revista de Literatura* do “Consejo Superior de Investigaciones Científicas” de Madrid, ao menos no número específico no qual eles foram publicados, aqueles não se contavam. Pela primeira vez oferecidos ao escrutínio dos leitores contemporâneos por Enrique Martínez López naquela publicação, não foi senão até recentemente – primeiro a partir de uma entrevista concedida pelo romancista e pesquisador Sergio Fernández ao suplemento cultural de *La jornada* em 1993, e depois no caso da edição de El Colegio de México que é objeto deste artigo – que estes *Enigmas* obtiveram, de fato, direito de cidadania real entre os interessados na obra da que é unanimemente considerada uma das mais importantes vozes do barroco ibérico do “Siglo de Oro”, e ainda mais por ser a única voz feminina que recebe esta consideração ainda no período. Até aqui, tudo bem: todos saem ganhando com o fato de que finalmente possa conhecer-se melhor a obra de uma autora importante como Juana de Asbaje. Por outro lado, há-de notar-se também, e não de uma maneira marginal, que todas as notícias que chegam de Portugal ao México, e *vice-versa*, levam muito tempo no caminho, um tempo muito maior do que outras originadas em qualquer outra parte do mundo – e isto, apesar da globalização e da informática. Aqui estamos falando de questões culturais profundas.

Tal tendência não é casual, em absoluto. A cultura espanhola e a portuguesa, como é do conhecimento universal, estão mutuamente vinculadas desde a sua origem medieval. Se nessas brumosas eras os jograis portugueses cantavam em português na corte de Castela, se Afonso IX O Sábio escreve as suas “Cantigas de Santa Maria” em galaico-português, os autores portugueses do século XV desenvolveram uma tendência para a escritura bilingüe, alternadamente em português e em castelhano. Gil Vicente compôs parte de sua produção dramática em castelhano, e Camões, o grande épico e estabilizador da língua portuguesa, produziu parte de sua lírica em espanhol. *La Diana*, de Jorge de Montemor (cujo nome foi castelhanizado para Montemayor), escrita em espanhol, causou verdadeiro furor na Europa do século XVI. No século seguinte, no período da União Ibérica, quase todos os prosadores e poetas portugueses escreveram em espanhol, muitas vezes em detrimento das partes de suas obras escritas em sua língua materna. As monjas da “Casa do Prazer” não eram exceção: algumas delas, provavelmente as mais destros na venerável arte de compor endechas e vilancicos e quejandos, escreveram em espanhol para o livrinho dos *Enigmas*. Outros poemas do livro, entretanto, foram escritos em português. Assim acontecia até o barroco, entre espanhóis e portugueses escrevia-se indiferentemente numa língua ou nou-

tra – sendo a verdade que bem mais freqüentemente os portugueses em castelhano que os espanhóis em português – e lia-se nas duas línguas indiferentemente. Um hispano-falante culto de três séculos atrás sabia que ler e mesmo falar em português dava-se naturalmente, devido à proximidade – real, e não ideológica – entre as duas línguas. O que hoje parece distante – o “outro” de fala portuguesa para os hispano-falantes e, um pouco menos, o de fala espanhola para os falantes do português – era até há não muito tempo tido e havido como duas versões da mesma coisa, era efetivamente dois “outros-mesmos”. Se não, vejamos como davam-se essas coisas de um lado e de outro das fronteiras intra-ibéricas.

O primeiro poema que Luís de Góngora publica é uma homenagem à tradução espanhola de *Os Lusíadas*. Ainda, Góngora escreveu esparsamente uns tantos versos em português. Entretanto, é verdade que é infinitamente maior o número de portugueses que escreveram em castelhano que ao revés. Não obstante, se deixamos de lado o aspecto estritamente lingüístico e passamos ao literário, a questão é diferente. Cito um único exemplo. Há alguns anos publiquei um ensaio defendendo que a primeira obra em prosa de ficção escrita na Nova Espanha, *Los infortunios de Alonso Ramíre* de Carlos de Sigüenza y Góngora (1690), apresenta uma semelhança evidente com as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto<sup>3</sup>, obra escrita cento e tantos anos antes da novela de Sigüenza y Góngora, e que foi traduzida ao castelhano a instâncias de Felipe II, que a considerava acertadamente um relato exemplar da expansão ibérica no mundo. Em espanhol, na tradução de Francisco Herrera Maldonado (1620, 1ª ed.) ou ainda em português, é muito provável que Sigüenza tenha lido e absorvido o espírito picaresco de Fernão Mendes Pinto, espírito este que parece, por sua vez, ser caudatário do espanholíssimo *Lazarillo de Tormes*

Os livros portugueses não circulavam somente na Espanha: há registros de obras portuguesas em todo o império espanhol. No México lia-se a Camões assim como a Vieira: em seu tempo, eles eram forças culturais consideráveis, em seu tempo eles eram, para dizê-lo numa só palavra, *canônicos*, assim como todos os autores espanhóis do “Siglo de Oro”, bem como os poucos colonos hispano-americanos que chegavam à notoriedade em Madri, como Sórora Juana, convertiam-se em “autoridades” no contexto do império português. Assim sendo, o célebre *affaire* da “Carta Atenagórica” de Sórora Juana contra o “Sermão do Mandato” de Vieira, que teve como corolário a desgraça política e religiosa da freira novo-hispana, forçada a abjurar da sua escritura poética “prazerosa” e dos seus interesses ecumênicos – o que, segundo Paz, acarretou-lhe um estado de depressão que lhe

<sup>3</sup> Cf. “Peregrinação na Nova Espanha”. Lisboa, *Colóquio-Letras* nº 132-3, abril-setembro de 1994, também publicado em espanhol (México, *Cuadernos americanos* nº 53, setembro-outubro de 1995), e posteriormente no livro *Mar abierto .... cit.*

terá facilitado sucumbir aos 44 anos a uma das várias pestes seiscentistas – digo, o que chamaríamos hoje de diálogo entre a culta monja novo-hispana e a obra do maior pregador da época barroca, não foi exceção, como não o foi o fato de que as freiras da “Casa do Prazer” lhe convidassem para que ela lhes compusesse os seus “enigmas”, que devem ter dado azo, entre as portuguesas, a muita divergência quanto à sua interpretação (e essa era, obviamente, a finalidade lúdica da mexicana). Ambos fatos inserem-se no intercâmbio secular, tanto lingüístico como literário, das duas culturas dominantes na Península Ibérica.

Ainda há um aspecto a considerar. Assim como existiram no Brasil desde o princípio da colonização indivíduos de origem espanhola que constituíram verdadeiros “enclaves” – Principalmente de andaluzes, muitos dos quais conversos – na América Hispânica o elemento português – formado principalmente por marranos – proliferou. Em Buenos Aires, por exemplo, havia um bairro de portugueses até bem entrado o século XVIII, como aponta o historiador David Rock<sup>4</sup>, que os “criollos” portenhos consideravam um gueto; Borges, como o seu nome revela, descendia de uma dessas famílias luso-argentinas coloniais. Na Cidade do México, a zona de Tlatelolco era basicamente habitada por portugueses que se dedicavam, como na capital do Rio da Prata, ao comércio, como explica o historiador Francisco de la Maza.<sup>5</sup> Os primeiros e mais ricos mineradores de Taxco, a capital da prata no período novo-hispano, eram judeus portugueses; na mesma zona de Nepantla, ao pé do Vulcão Popocatepetl, onde nasceu Soror Juana, havia, segundo consta, fazendeiros portugueses. Terá Juana de Asbaje ouvido falar português na sua infância?

Esta memória, até certo ponto esquecida, de relações entre portugueses e espanhóis em terras americanas, como acabo de esboçar nas linhas anteriores, nunca será demais recordá-lo, vai além do estritamente literário ou lingüístico. É um capítulo humano na formação americana, que se reflete na produção literária. No México, como nos ensina o processo dos Carvalhais (o célebre “proceso de los Carbajales”, no qual a Inquisição novo-hispana fez jus ao horror que inspirava na população local), era em português que os cripto-judeus sefaraditas realizavam os seus rituais secretos, provavelmente para evadir a compreensão de terceiros, especialmente os indígenas recém-catequizados e recém-chegados ao domínio lingüístico do espanhol. Essas relações são memória de memórias, seiva de conhecimentos herdados, matriz de palavras e de expressões.

Porém regressemos à questão da lentidão com a qual os *Enigmas ofrecidos a la Casa del Placer* chegaram aos estudiosos e aos leitores de Sórora Juana. Pouco a

<sup>4</sup> Cf. *Historia argentina 1516-1980 - Desde la colonización española hasta Raúl Alfonsín*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1989.

<sup>5</sup> Cf. *La Ciudad de México en el siglo XVII*. México: FCE, 1985 (1ª ed. 1968).

pouco o México aproxima-se de Portugal, e *vice-versa*. Os ibéricos, e nós os ibero-americanos, quisemos esquecer aqueles séculos nos quais a Inquisição e o autoritarismo centralizador nos fechavam ao mundo e às formas mais democráticas de convivência humana e política, que além dos Pirineus desenvolviam-se na Europa durante os séculos barrocos. Razões de sobra tivemos para fazê-lo. Mas, em tal processo alguns dos traços de nossa formação humana e cultural foram esquecidos. Passadas as fúrias dos nacionalismos antagônicos entre os que falamos português e espanhol, é sobretudo salutar que incorporemos de uma vez por todas que os outros, entre nós, sempre foram os outros-mesmos, como disse acima.

Só assim aquilo que desejavam os sábios do século dezanove, os Herculanos, os Oliveira Marins e os Menéndez y Pelayo, que a história deve ser transparente para que nela o indivíduo possa sentir-se transparente, para o bem coletivo, poderá dar-se em definitivo, no contexto da civilização ibero-americana. Neste sentido, a descoberta dos *Enigmas ofrecidos a la Casa del Placer* – e sua incorporação à obra de Sórora Juana, o que é tão ou mais importante quanto a descoberta mesma – podem ajudar a iluminar ao (falso) enigma de por quê tudo o que se origina em Portugal chega lentamente ao México, e vice-versa.

São Paulo, 16 de maio de 2000

